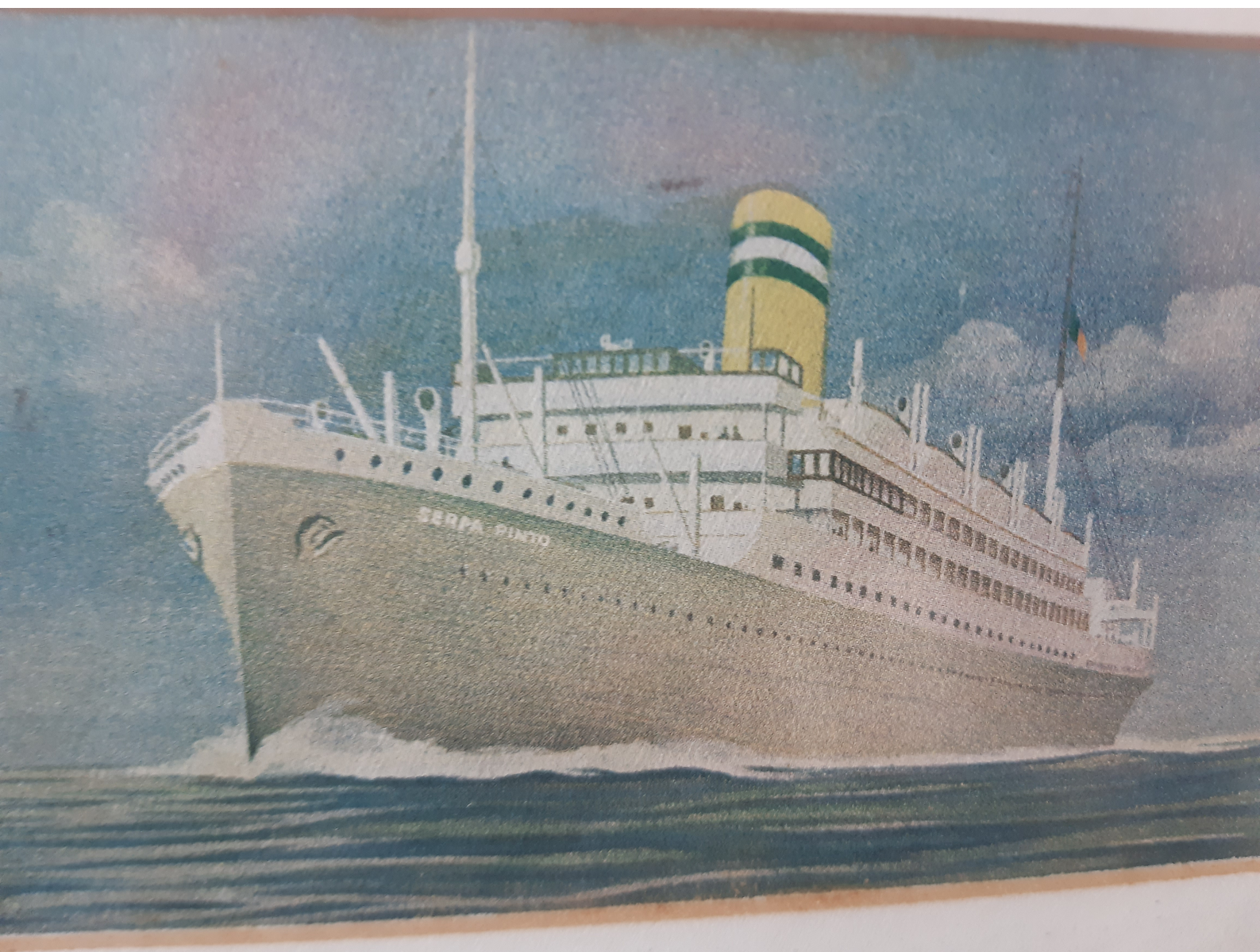
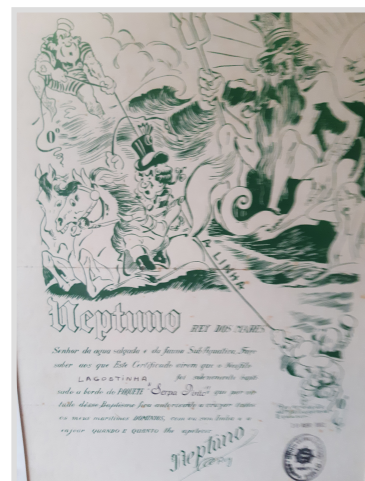


A caminho do Hemisfério Sol



Cremilda Celeste de Araújo Medina*

(*A autora, como de hábito,
delega a voz neste texto comemorativo dos
70 anos de chegada ao Brasil a três
personagens: o Narrador, a Menina e o
Navio Serpa Pinto em que viajou com
a Mãe e a Irmã do Porto, Portugal, no dia
1º de abril de 1953, ao encontro do Pai
que as recebeu no Rio de Janeiro na
manhã de sol do Brasil, dia 16 de abril.)

São Paulo, março de 2023

A manhã está nublada no porto de Leixões e mais nublados de lágrimas estão os olhos da jovem senhora dona Joaquina, de mãos agarradas à pequena Dina. Acompanham-na o casal de padrinhos da filha mais velha, o compenetrado Sr. Daniel Pereira de Araújo e sua senhora, dona Cremilda, também chorosa, agarrando firme a mão da afilhada, que herdara seu nome, para os íntimos, a Midinha. De todos nesta despedida antes do solene embarque para atravessar o Atlântico em direção ao Brasil, a única de olhos secos mas brilhantes voltados para o vapor que em breve sairá do cais do Porto, é a menina mais velha...

A Menina sou Eu, Senhor Narrador? Deixe então que fale por mim, porque, sim, todos os meus sentidos estão a vibrar, não vejo a hora de ir ao encontro do Pai que já está no Brasil há pouco mais de um ano e prometeu para a gente que logo nos chamava. Vamos morar no Sul, estou muito curiosa, porque saio de Gaia e do Porto e vou conhecer uma nova cidade que se chama Porto Alegre. E lá está o paizinho. Não sei o que vai acontecer, só sei que aqui, nas visitas que fizemos em dois meses à família e aos amigos, a mãezinha não parou de chorar, a Dininha não estava muito consciente nos adeuses e eu não via a hora de acabar com aquelas sofridas despedidas. Sabe, talvez o Senhor Narrador tenha notado, mas os mais tristes são meus padrinhos (eles não têm filhos e eu recebo deles todos os mimos). Agora vão nos entregar ao Vapor Serpa Pinto e logo partiremos. Claro, meus olhos estão no barco à minha frente...

Menina, de hoje até chegarmos ao Brasil, quero que me trate com muito respeito, porque afinal sou o Digníssimo Navio Herói e recebi um nome quando virei vapor português em homenagem ao militar, explorador, administrador colonial Alexandre de Serpa Pinto (1846-1900). Ele foi autor de tantos feitos que até escreveu dois livros memoráveis, “Como eu atravessei a África”, vols. I e II. Quando entrares nas minhas

dependências, passas a me chamar de Sr. Vapor Serpa Pinto. Verás que teu padrinho Daniel caprichou na cabine de vocês, terás no salão de refeições uma mesa muito bem posta para ti e tua mãe, há também a salinha para os meninos pequenos onde tua irmãzinha irá comer e brincar, salões de jogos e baile e um convés de grandes surpresas na travessia marítima. Prepara-te para muitas aventuras.

Desculpe interromper, Digníssimo Senhor Vapor Serpa Pinto, sua modéstia é recomendável, mas sou obrigado a anotar, como Narrador que se preza, antecedentes desta data, 1º de abril de 1953, etapas inesquecíveis de sua história. Muito antes das aventuras que agora promete à Menina, Vossa Excelência reuniu coragens mil dos sobreviventes do Holocausto que carregou no seu bojo. Por tal epopeia merecerá livros e informações que o futuro registrará. Vou resumir para não atrapalhar esta viagem: Vossa Senhoria foi construído por encomenda para servir ao Royal Mail (correios britânicos) em Belfast, 1914; fez carreira para as Índias Ocidentais Britânicas, mas com eclosão da Primeira Grande Guerra foi adaptado para servir às batalhas; após 1918, foi vendido para a Pacific Steam Navigation Company e fazia serviços na carreira Nova York-Chile; com o colapso desse empreendimento, você ficará de 1930 a 1935 na Companhia Iugoslava, em viagens entre Dubrovnik e Haifa, carregando passageiros e cargas; e por fim, em 1940, irá receber em Portugal o nome de Alexandre Serpa Pinto; aí, como navio lusitano, terá a fama definitiva de Herói, por ter transportado durante a Segunda Grande Guerra levas e levas de judeus em fuga do nazismo de Lisboa para Nova York, para o Rio de Janeiro e para Buenos Aires; e na volta, Vossa Senhoria não perdia viagem, trazia para a Europa cidadãos de origem germânica expulsos das Américas – afinal o Sr. Serpa Pinto pertencia a Portugal, país neutro na guerra. Além de “Navio

Herói”, recebeu por isso outros cognomes, “Navio da Amizade”, “Navio do Destino”. Antecipo na minha bolinha de cristal da narrativa que um ano depois da presente viagem que vamos contar, em 1954, o velho herói será rebocado e vira sucata na Bélgica.

Ainda bem que concluiu essa história, Senhor Narrador, meu ânimo com a Viagem não aguenta lembrar tempos de guerra. Por sinal, nasci em 1942 e o pai Zeca ia ao Café A Brasileira, no Porto, para trazer o açúcar dos meus biberões. Lá sabia eu que nesses tempos o navio em que agora embarcarei carregava os fugitivos judeus. Mas, desculpe, o presente é mais forte que tudo: despeço-me com o coração apertado dos padrinhos Cremilda e Daniel. Dininha agarrada à mãezinha e eu, aos pulos na frente, subimos a escada que nos leva para dentro da enorme Casa Navegante. Parece mentira, duas semanas atrás ultrapassei os primeiros dez anos de vida e neste instante, aos 11, lanço-me ao Novo Mundo. Que será que vai acontecer?

Calma, Menina. Terás 16 dias memoráveis no meu casco. Sou um navio que já fez a Rota do Ouro e a Rota da Prata e neste momento te prometo a Rota do Sonho. Quando Portugal me comprou por 18.978 contos, deixei guerras e me tornei barco de passageiros. Aliás, esmeraram-se na reforma: suítes de luxo, confortáveis camarotes (o seu padrinho escolheu um para vocês), embarcam comigo 113 passageiros de primeira classe, 86 de segunda classe, 130 de terceira classe, 160 tripulantes. Nas cobertas há lugar para mais de 700 pessoas. Entrás, Menina, e verás que, apesar dos meus regulamentos, terás muito espaço para explorar ao sabor das ondas, por vezes gigantes, do Atlântico Norte rumo ao Atlântico Sul.

Mais uma vez peço licença para o distanciamento de Narrador e contar um pouco dos momentos inaugurais de meu

trio no Sr. Serpa Pinto. A manhã do dia 1º de abril de 1953 já está madura quando, do convés, acenam com o último adeus a Daniel e Cremilda que ficam inconsoláveis no porto de Leixões. Joaquina, Mida e Dina são guiadas até sua cabine para se instalarem, enquanto o navio sai aos pouquinhos de Portugal e avança mar adentro. Se era hora de almoçar, a jovem senhora nem pensa nisso, tais os enjoos no estômago e as lágrimas no rosto. Dininha irá firmar o pacto de se colar à mãe. Já a irmã mais velha estará pronta para os movimentos de uma inesperada independência a conquistar no Atlântico.

Senhor Narrador, olhe, eu me comprometo a não enjoar, nem ficar presa na cabine. Quero logo saber de tudo, onde é o salão para almoçar e jantar, onde posso correr pra cá, pra lá, ver o mar e os peixes. Será que vou ver peixes voadores? E o céu sem nuvens, cheio de pássaros a viajar para o mesmo lado que eu? À noite, quando não mais encontrar as estrelas da Ursa Maior, vou procurar as que o padrinho me explicou, lá onde está o meu pai, parece que a constelação se chama Cruzeiro do Sul. Vai demorar tanto para chegar ao Brasil, mas juro que vou gostar muito desta Viagem. Será que o Vasco da Gama ou o Pedro Álvares Cabral ou outros navegadores também gozaram as descobertas ou tiveram muito medo do Gigante Adamastor?

Menina, não fiques a delirar com essas narrativas que a escola da dona Emilinha enfiou na tua cabeça, História de Portugal, Camões e os Lusíadas. Eu, Serpa Pinto, no século XX, a presenciar o choro de dona Joaquina na cabine, lembro mais Fernando Pessoa, *ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal*. Nem sei se sou preciso nos versos, porque o fato que me preocupa é vocês fazerem logo a primeira refeição no meu salão e seguirem o roteiro estipulado: a menina pequena comerá na sala das crianças, povoada de personagens das historinhas infantis desenhadas nas paredes, a Branca de Neve e

outras, brinquedos e as mãezinhas a alimentar os menores de dez anos. Certamente a Menina, que já é grandinha, ficará no gradeado do andar de acima do refeitório dos adultos e tentará adivinhar em que mesa vai sentar depois com a mãe. Imagino que terás a sensação de estar nos restaurantes de hotéis quando antes viajavas com os padrinhos para Lisboa, para Oliveira de Azeméis, para o Douro ou para Vigo.

Então, Sr. Serpa Pinto, sabe mais da Menina já no primeiro dia da viagem do que eu como Narrador. Mas é verdade, a primeira refeição no seu salão encantará a curiosa; a mãe, coitada, mal pode levar comida à boca de tão incomodada. E a pequenina ficará lá em cima na varanda de grade em madeira esculpida, já almoçada, a olhar com inveja a mana na mesa do salão de adultos. Midinha desfrutará tudo nessas refeições preciosas, almoço e jantar, não achará nada ruim e por incrível que pareça guardará uma preciosidade que minha memória de Narrador registrou para sempre. Até tenho certo pejo de contar, tal a simplicidade do referido manjar que a acompanhará vida afora. Sabem o que é?

Deixe que eu conto, amigo Narrador. Quando vem a primeira sobremesa, além do docinho, o que me atrai mesmo é o senhor do serviço perguntar se também quero laranja. Claro que quero, aquela laranja perfeitamente descascada e já cortada em rodela, ao chegar à minha boca, é paixão total, doce e fresquinha como nunca comi igual. Decido, com firmeza, o senhor pode me trazer sempre essa laranja de sobremesa?

Claro, Menina, responde-lhe meu funcionário de serviço no refeitório. A comida será um sucesso, aí incluídas as laranjas sem fim, mas logo o meu convés servirá de palco para as brincadeiras dela e mais três amigos que encontrará no segundo dia da viagem. Dois meninos e duas meninas, um quarteto de grandes

façanhas, umas permitidas no espaço de turismo e outras proibidas – não demoram a invadir o meu porão onde viajam os da terceira classe. Para estes inquietos meninos, não há fronteiras nem físicas nem sociais, brincam à vontade, armam jogos e correrias em todos os cantos durante o dia. Afinal, se em outros tempos fui um abrigo sobre o mar para transportar fugitivos do nazismo, agora sou um parque de inocentes diversões para os meninos que viajam para o Brasil.

Desculpe, Sr. Serpa Pinto. Só para acrescentar que a Menina, muito disposta, também é adotada por um casal sem filhos que libera a mãezinha para cuidar da pequena, enquanto assumem a vigilância da maior de dez anos, na realidade recém completados os onze, nos jogos de cartas dos adultos e principalmente nos bailes da noite. Além das laranjas, ela vai se apaixonar pela orquestra, os passos de dança dos casais, sobretudo o ritmo brasileiro que os seus músicos portugueses exibem com orgulho e fidelidade. O casal amigo se encantará ao ouvir a Menina cantarolar a marchinha de carnaval, Chiquita bacana lá na Martinica...

Ôpa, tocou nos meus dodóis. Aprendo rápido a sambar nos seus bailes, sim, logo nas primeiras noites da viagem. A mãezinha marca hora para me recolher à cabine, mas meus aliados adultos conspiram comigo e pedem sempre um tempo a mais para o recolhimento. Ah, como esperei aquele dia da festa na passagem do Equador. Nos preparativos da véspera, o casal, muito conhecedor das coisas, brinca comigo, tu vais ver quando a gente ultrapassar **a Linha** do Equador... Eu rio, porque na escola da dona Emilinha eu já sabia que era uma **linha imaginária**, a do Equador. Mas faz de conta.

Posso narrar resumidamente, sem o calor da emoção da Menina, o que acontece no dia 10 de abril de 1953 na festa do

Atlântico: pela manhã, na hora H do Equador, os passageiros do Sr. Navio Serpa Pinto, todos no seu convés, são enfarinhados dos pés à cabeça; a seguir, uma mangueira puxada do mar lava e batiza os navegantes de primeira viagem; depois, recebem um diploma da mão dos que já atravessaram a **Linha**. A menina, intitulada aos 11 anos de *Excelentíssima D. Cremilda Celeste de Araújo*, recebe o diploma de batismo: *“Neptuno, Rey dos Mares, Senhor da água salgada e da fauna SubAquática, faço saber aos que Este Certificado virem que o Neófito LAGOSTINHA foi solenemente baptizado a bordo do PAQUETE ‘Serpa Pinto’ e que por virtude desse Baptismo fica autorizado a cruzar todos os meus marítimos DOMÍNIOS, com ou sem linha e a enjoar QUANDO E QUANTO LHE APETECER.”* Neptuno, o Rey.

Torno-me a *Lagostinha* pela manhã, mas a glória virá à noite no baile, Senhor Narrador. Depois de um dia de todas as festas chega a hora de pôr a fantasia que a mãezinha costurou para mim. Na véspera, os funcionários do Sr. Serpa Pinto distribuíram papel crepom colorido para improvisar trajes. Dona Joaquina, modista com diploma francês em corte e costura, monta um vestido de espanhola. Para completar, traz na bagagem uma mantilha, presente da madrinha Cremilda quando fomos à Espanha. E eu, que me encantei em Vigo com uma dançarina andaluza, pedi naquela ocasião umas castanholas. Pronto, vou desfilas no baile e ensaiar além do samba brasileiro, uns passos de meus vizinhos ibéricos. Lá pelas tantas, arma-se um concurso e elegem-me **Miss Serpa Pinto**.

Desconfio que essa escolha no meu Salão de Bailes teve a mão do casal amigo da Menina, pois lá esse título era para uma dessas danadas crianças que infernizavam meu casco. Mas vá lá, admito, a animação da viajante, sem um dia de enjoos, bem que podia ser Lagostinha de manhã e Miss à noite, embora lhe falte altura, porte para tal título...

Que eu me lembre Sr. Serpa Pinto, nos 16 dias de viagem, a Menina só conhecerá mau tempo na chegada a Cabo Verde. São duas paragens até chegar ao Brasil. A primeira, na Ilha da Madeira, o seu paquete aporta e é tudo euforia para ela. O casal que a adotou, pega a Midinha com autorização da mãe que não quis descer (ficou com a Dininha no convés) e os três saem a passear na ilha. Muitos deslumbramentos e o ponto culminante: a louca descida a pique na estradinha pavimentada com seixos colhidos na praia, em um cesto conduzido por um senhor que, com os dois braços, segura as hastes como se fosse uma carroça: lá de cima do morro até parar na praia, aquele frio na barriga...

Muito bom, Senhor Narrador. Agora conto de minha única tristeza na Viagem. Chegamos à Ilha de São Vicente no arquipélago de Cabo Verde e não vai ser como na Madeira. O Sr. Vapor Serpa Pinto fica ao largo e os passageiros que quiserem visitar a ilha terão de pegar um barquinho para desembarcar no cais. Não há santo que convença a mãezinha a me deixar ir com o casal amigo visitar São Vicente. Disseram-lhe, em Portugal, provavelmente o padrinho Daniel, sabedor dos fatos, que era muito perigoso por causa dos tubarões que cercam a ilha. Não houve jeito, fico pela primeira vez submersa no desgosto.

Olha que teu desgosto, Menina, em nada se assemelha a um fato histórico de 26 de junho de 1944, se não me falha a memória. Andava eu carregando judeus fugindo do nazismo e a leste das Bermudas, a caminho de Filadélfia, não foram tubarões mas um submarino alemão que nos atacou. Exigiram que os 500 passageiros fossem despejados em baleeiras porque, tão logo se confirmasse a ordem do inimigo, meu casco seria torpedeado. Por milagre, essa ordem foi revertida, os alemães decidiram não me destruir, e os pobres e desesperados passageiros voltaram a ser reembarcados. Nessa triste operação de guerra, morreram três: o Sr. Médico de bordo, com um ataque cardíaco, o Sr.

Cozinheiro, alucinado, se atirou ao mar, e um bebê polaco de 16 meses de pais judeus, pobrezinho, desapareceu. Que Deus o tenha.

Pronto, basta de tragédia. É oportuno mudar o tempo da narrativa. Aproxima-se o dia da Grande Alegria. Só se fala na chegada ao Rio de Janeiro. A mãe das meninas está melhorzinha, logo encontrará o Zeca. José Pereira de Araújo virá de avião de Porto Alegre ao Rio para enfim receber a companheira e as duas filhas. Na cabine do seu pacote, Sr. Serpa Pinto, dona Joaquina arrumara com antecedência a bagagem, separara com muito jeito as roupas novas para as meninas e para ela, costuradas com aquele toque esperança do futuro desembarque no Brasil e da nova vida no outro lado do Mar Atlântico.

Nem consigo dormir na véspera da chegada. Desconfio que a mãezinha e a mana também não. Acho que todos os passageiros. Adeus peixes voadores, bandos de pássaros, céu e mar, queremos agora terra firme, abraços e passos acelerados no novo território. Às 4 horas do dia 16 de abril de 1953, o burburinho no convés do Digníssimo Sr. Serpa Pinto anuncia a boca pequena, Brasil à vista. Levanto antes da mãezinha e da mana, vou às camas delas, falo baixinho, estamos a chegar, estamos a chegar. A matinada é geral, logo seus corredores se enchem de alegre vozerio, todos se vestem para a apoteose. Dona Joaquina, por último, não esquece os laçarotes coloridos que confeccionou em Gaia e rapidamente aplica os enfeites nas nossas cabeças, já estávamos penteadas simetricamente para receber as fitas em perfeitos laços. Debruçadas no seu convés, vemos o deslumbrante amanhecer do Hemisfério Sol. Às 7 horas, vultos pequeninos povoam o cais do Rio de Janeiro, enquanto o Sr. Serpa Pinto está cada vez mais próximo de aportar. De repente as pessoas tomam forma, mas os homens, de linho branco e

chapéu de palha, são todos iguais. Onde está o Pai? Muito de repente eis que vemos o Zeca. Todo tropicalizado –

O sol esplendoroso e o branco da roupa fixarão para sempre o pendão verde amarelo que substituirá o verde e vermelho.



Manas Dina e Cremilda: fotografia em estúdio do Porto, março 1953.

Duas notas bibliográficas

DE DIJN, Rosine. *O Navio do Destino*. Tradução de Kristina Michahelles e Marina Michahelles. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2011. (A primeira edição deste livro foi distribuída pela autora em 1941 no Rio, em Lisboa e em Nova York.)

Franz Werfel, nascido em 1890 em Praga, Império Austro-Húngaro, foi um dos fugitivos do Holocausto e morreu em Beverly Hills, EUA, em 1945. É de sua autoria a epígrafe do livro acima citado:

Carrego em mim muitas coisas.

O passado de vidas anteriores,

Regiões soterradas,

Com leves rastros de raios estelares.

Muitas vezes não me encontro na superfície,

Submergido nas regiões estranhas do eu,

Tenho saudades.

Ó restos, sobras! Ó remoto passado!

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Casas da Viagem, de bem com a vida ou afetos do mundo*. Edição de Autor, São Paulo, 2012. Na pág. 43, o registro intuitivo-sintético da chegada ao Brasil no dia 16 de abril de 1953:

*O sol esplendoroso e o branco da roupa (do Zeca no cais)
ficaram para sempre no pendão verde e amarelo que agora
substituía o verde e vermelho.*